

## Sobre pais, filhos e babás a passeio no shopping

Ao fazer uma visita recentemente, testemunhei uma cena inusitada. Quando o elevador chegou ao meu andar, havia dentro uma criança de dois anos e a babá, que segurava um prato de comida. Deu para perceber que eles não estavam usando o elevador como meio de locomoção, e sim de distração para a criança, que, pelo jeito, adorava subir e descer pelos andares, mas nem tanto comer, pelo menos no horário e o tipo de comida que a mãe determinava. Entre uma surpresa e outra que o elevador provocava na garotinha, uma colherada de comida era levada à sua boca, que abria quase mecanicamente, sem ela se dar conta, e lá descia a comida goela abaixo. Um pouco incomodada com a presença de um estranho nessa situação tão doméstica, a babá foi logo me dando explicações. A menina fazia muita "fita" para comer, a mãe não tinha paciência, e comer ali era garantia de êxito na empreitada.

Essa cena voltou a minha memória quando, num sábado, ao tomar café em um shopping, fui alertada por uma amiga a observar a grande quantidade de famílias com filhos pequenos passeando, lanchando, almoçando juntos. E, especialmente, o significativo número de babás que acompanhavam as crianças. A elas cabia fazer companhia às crianças, dar a alimentação, correr atrás, entreter. Enfim, conviver. Em pleno sábado. Isso dá o que pensar, não? A primeira coisa que me ocorre é que, por trás dessas cenas, está embutido um conceito: o de que educar é cuidar. E cuidar -vamos convir- uma boa e bem orientada babá cuida muito bem. De modo resumido, cuidar significa tomar conta: toma-se conta de uma casa, do orçamento e também dos filhos, é claro. Mas, em se tratando de filhos, cuidar é pouco. Quem ama cuida, diz o verso de uma conhecida canção, mas filhos precisam mesmo é de pais que cuidem principalmente de seu futuro, e não apenas do tempo presente. Quem cuida também nem sempre convive, ensina, educa. E quem é apenas cuidado não aprende, necessariamente, a se cuidar.

Voltando ao caso da garotinha que almoçava no elevador. Alimentada ela estava sendo. Mas, certamente, não estava tendo a chance de aprender a se alimentar sozinha, a reconhecer a fome e a saciedade, a distinguir o sabor dos alimentos e a identificar seus gostos e suas necessidades e, mais ainda, o valor social da alimentação em conjunto com o grupo familiar.

Conviver é mais que estar no mesmo espaço: é compartilhar esse espaço, é viver em conjunto. Por isso as crianças que estavam passeando com os pais no sábado, mas sob os cuidados de uma babá, não compartilhavam o passeio com a família.

Eles estavam apenas, e quase incidentalmente, passeando no mesmo local -quase como colegas de um grupo de excursão, sabe como é?

É, ter filhos dá trabalho. Quem tem filho não consegue -nunca mais- ter a vida que tinha antes. Aliás, depois de ter filho, não dá ao menos para pensar como seria a vida sem ele. Mas o que não é possível também é ter um filho e tentar viver como se não o tivesse.

Ao terem um filho, a mãe e o pai assumem um compromisso: o de introduzi-lo na vida em comunidade, e isso se faz, principalmente, pela convivência familiar.

A vida no mundo contemporâneo já limita bastante o convívio entre pais e filhos. Mas, talvez, o limite maior para as crianças de hoje seja mesmo o individualismo e o egoísmo dos adultos que não cedem um segundo sequer do tempo a ser usado consigo mesmo.

Como já disse anteriormente, para ter filhos é preciso ser generoso. E tornar-se generoso pode, afinal, ter mais valor do que ser generoso. Assim, essa é uma chance que muitos pais têm de se tornarem pais. Sempre é tempo, quando se tem filho ainda pequeno.

ROSELY SAYÃO é psicóloga, consultora em educação e autora de "Como Educar Meu Filho?" (Publifolha), entre outros; **e-mail:**[roselys@uol.com.br](mailto:roselys@uol.com.br)

(texto recebido de Lúcia, na lista Filosofia Espírita para Crianças [www.edicoesgil.com.br](http://www.edicoesgil.com.br))